



RESENHA

NIELSSEN, Hilde; OKKENHAUG, Inger Marie; SKEIE, Karina Hestad. Protestant missions and local encounters in the nineteenth and twentieth centuries. *Unto the ends of the world*. Leiden, Boston: Brill, 2011. 338p. ISBN 978-9004202986,

*Guilherme Ferreira Oliveira**

Para os estudiosos interessados nas missões protestantes, sobretudo nas relações travadas entre os missionários estrangeiros e as populações locais, essa obra é uma importante referência. Isso porque o livro consiste em doze ensaios sobre um dos aspectos que têm recebido grande atenção dos historiadores de língua inglesa que se debruçam sobre as missões protestantes: seu caráter transnacional. O livro foi organizado por três historiadoras da Escandinávia, Hilde Nielssen, Inger Marie Okkenhaug e Karina Hestad Skeie, nomes que também aparecem na autoria de artigos ao longo da coletânea – ao lado de mais seis historiadoras e antropólogas, totalizando nove artigos escritos por mulheres.

O estudo da História a partir de perspectivas transnacionais, globais e do ponto de vista de histórias conectadas tem ganhado cada vez mais a cena na seara das investigações históricas, e certamente as pesquisas sobre o protestantismo têm seguido as pistas colocadas por essas reflexões. Nessa linha, essa obra reúne uma série de estudos de casos nos quais os missionários aparecem como partícipes de um movimento que envolveu múltiplas interações ligando pessoas e instituições através das fronteiras do Estado-Nação. A partir daí, sobretudo as sociedades missionárias norte-americanas e britânicas forjaram projetos, ideologias e atuaram em vários campos como a educação e a assistência social, e por consequência direta, endossaram visões de mundo que exaltavam o *modus vivendis* anglo-saxão.

Partindo dessa perspectiva transnacional, os autores, contudo, não se deixam levar por análises estruturantes ou por demais homogeneizadoras. Na verdade, através de estudos de casos, é possível perceber a variedade das experiências missionárias ao longo do século XIX e no início do XX em diferentes regiões do

* Doutorando em História (UFF). Bolsista CAPES. mrguiferreira@yahoo.com.br

mundo, como por exemplo, no Madagascar e no Irã. Assim, ainda que de maneira complexa, os missionários legitimaram o processo de globalização e de expansão da cultura cristã, mas o resultado foi um quadro multifacetado, que envolveu indivíduos, grupos e pensamentos que se movimentaram segundo os contextos locais e nacionais.

Um desses contextos certamente foi o colonialismo. Não podemos perder de vista que se os séculos XVI e XVII foram a era missionária para os católicos, os protestantes fizeram um avanço significativo a partir do século XIX, sobretudo na segunda metade. Daí decorrem suas intensas conexões com os projetos coloniais e imperiais que europeus e norte-americanos elaboraram para o resto do mundo, e que já foram desenvolvidas em importantes trabalhos como no trabalho de Jean e John Comaroff acerca das interações entre os missionários no contexto da dominação colonial na África. Mais do que uma narrativa sobre a imposição religiosa, os autores trazem que à tona os processos de apropriação da mensagem religiosa e as dinâmicas locais do encontro¹⁷². Os artigos do livro são perpassados por esse tipo de percepção, mostrando que nem sempre os missionários aderiram sem ressalvas ao projeto estatal, e muitas vezes se opuseram abertamente a ele, contribuindo com os projetos nativos de luta anticolonial. O certo é que as relações entre imperialismo, nacionalismo e colonialismo como partes da empresa missionária são muito mais ambíguas do que se poderia previamente conjecturar.

Provavelmente o ponto alto do livro são as reflexões acerca da considerável atividade missionária de produção de conhecimento sobre o *outro*. Essa produção reuniu uma variedade de contribuições em campos de estudo, como a etnografia, a geografia, a linguística, a literatura - nessa última incluindo livros de memórias, novelas e poesia. Para além da cultura escrita, os missionários se envolveram também na coleta de objetos etnográficos, constituindo também uma cultura material, que corroborou para que algumas sociedades missionárias organizassem museus ou contribuíssem para outras instituições - a *London Missionary Society*, por exemplo, transferiu parte de seu acervo para o *British Museum*, em 1891. Na perspectiva das autoras, esse conjunto de práticas e discursos esteve associado à formação de “cultura missionária global”, produzida por uma “estética transnacional missionária que funcionou como a liga que aglutinou partes díspares o mundo missionário como uma comunidade imaginada com um imaginário missionário compartilhado”

¹⁷² Ver Jean & John Comaroff, *Of Revelation and Revolution*. Vol. I: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa (Chicago, University of Chicago Press, 1991); Jean & John Comaroff, *Of Revelation and Revolution*. Vol. 2: The Dialectics of Modernity on a South African Frontier (Chicago, University of Chicago Press, 1997).

(Nielsen, 2011, p. 8). Ainda que todos os artigos tragam, de certa maneira, as discussões sobre as formas de representar o *outro* no pensamento missionário, o artigos de Lisbeth Mikaelssen, Werner Ustorf, Hilde Nielsen e Michael Martin trazem esse abordagem de maneira mais sistemática.

Dois aspectos ainda merecem breve consideração. Um deles, e que também tangencia os artigos de uma maneira geral, são as formas de que os missionários atuaram em projetos de transformação social e de propagação da modernidade ocidental. Construíram, assim, práticas e representações no campo da medicina, como mostra o artigo de Sigurd Sandmo, sobre como os missionários formaram parte importante do discurso médico no século XIX, além de atuarem, ainda, em campos como assistência social e a política. Nesse esforço, muitas vezes acabaram por reforçar as fronteiras entre o que seria o homem civilizado e o incivilizado, reforçando as narrativas de hierarquias de classe, raça e religião.

Como segundo ponto, destaco ainda os artigos de Inball Livne e de Hellen Murre-van den Berg sobre a atuação das missionárias em seus campos de atuação e como esse papel poderia se diferenciar da presença masculina. O certo é que as experiências relatadas por essas autoras deixam claro que as mulheres foram fundamentais para o êxito das frentes de missão, muitas vezes atuando em esferas que eram fechadas à presença masculina.

Por fim, reitero que o livro é uma importante contribuição para o estudo dos encontros culturais promovidos pelas missões cristãs, sobretudo as protestantes, ao redor do mundo. Os países da América Latina, contudo, escapam do foco do livro, que concentra suas preocupações no Oriente. Contudo, antes de ser um problema, essa ideia nos parece mais incitar um desafio: de que maneira podemos pensar a questões dos encontros culturais nas missões protestantes nessa região? O livro *Protestant missions and local encounters in the nineteenth and twentieth centuries* pode assim, nos inspirar a constituir narrativas sobre a experiência latino-americana e suas peculiaridades.

Recebido: 29/03/2018

Aprovado: 17/04/2018